

MULTILETRAMENTO DIGITAL: OS TEXTOS E AS FERRAMENTAS ACESSÍVEIS PARA AS CRIANÇAS NAS MÍDIAS SOCIAIS

ISABELLA FERREIRA¹
BIANCA DENIZE DE ASSIS²

RESUMO

O trabalho se propõe a fazer uma reflexão sobre as formas de letramento digital, com base na perspectiva de alfabetização de Emília Ferreira, em construção com a BNCC e os confrontos que o letramento digital encontra com a acessibilidade infantil às mídias sociais. A leitura multissemiótica, assim como a interpretação do texto, permanece comprometida no âmbito digital, fazendo-se necessário um guia - no caso, o professor - para pensar naquele texto cotidiano como uma ferramenta de pesquisa, análise e questionamento. O texto posto em uma rede social está muito além das palavras que este reúne: relaciona também à habilidade de compreensão de imagens e como estas auxiliam na construção de um gênero textual. Também, diferentemente da estrutura e habilidades que configuram a leitura de um site, que por sua vez, é diferente de como se lê um jogo digital, e assim por diante dentro das plataformas acessíveis à criança. A reflexão levanta questões sobre a vivacidade da língua para a mente infantil e como as plataformas digitais podem auxiliar positivamente o letramento do aprendiz. Não se trata apenas da palavra, associada à imagem, nem mesmo do signo associado ao seu sentido, visto que as habilidades para se ler uma postagem em redes sociais são diferentes das habilidades ao se pesquisar um vídeo, ou verificar

1 Graduada do Curso de Pedagogia presencial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, isabella.oliveira.025@ufrn.edu.br;

2 Graduado do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, e atualmente, Graduada de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, biancadenizedeassis@gmail.com.

a procedência de uma notícia. Esse é um novo modelo de pesquisa supervisionada que deve estar presente nas escolas visto a aplicabilidade desse conhecimento na vida do indivíduo.

Palavras-chave: multiletramentos, letramento digital e leitura multissemiótica.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de cunho bibliográfico se propõe a compreender as dimensões da BNCC acerca daquilo que a mesma sugere ser “letramento digital”. Com base nas ideias de Emilia Ferreiro, a alfabetização é um conceito abrangente acerca da apropriação da palavra, porém ela por conta própria não garante a aquisição da língua em sua totalidade.

Cada indivíduo possui uma linguagem própria, mas são as raízes históricas do português é que formam a identidade coletiva do português *brasileiro* e elas estão atreladas à influência de línguas europeias e africanas desde a colonização (HOOKS, p. 226, 2017). É perceptível que essas influências formaram o português padrão e o português “não padrão”, que seria aquele usual, o mais falado do que escrito de fato. Ainda que este segundo seja muito mais comum nos circuitos sociais, o primeiro é o cobrado em sala de aula para o “desenvolvimento” da linguagem, como se apenas praticando a língua padrão houvesse aprendido. O reflexo disso pode ser apresentado nas diferenças entre o português do Brasil e o de outros países no mundo dessa mesma língua, visto que tais variações surgem nos ambientes informais.

Para Hooks, as peculiaridades da língua se formam pelo contexto de necessidade do estrangeiro, boa parte deles sendo os negros traficados da África, em se comunicar com o seu carrasco. Ela traz a frase: “esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar” (P.224, 2017), que conduz uma reflexão sobre a finalidade à qual se desenvolveu a fala no Brasil. Hoje, ainda é possível aplicar essa mesma frase em um diferente contexto de opressão: a globalização. A exemplo disso temos a normatização do ensinamento de inglês em detrimento ao espanhol latino nas escolas, ainda que o espanhol esteja muito mais próximo da cultura brasileira.

Tanto os aspectos linguísticos quanto os práticos atuam em conjunto na aquisição do papel de um leitor, que cada dia mais se apresenta como um ser passivo nos espaços literários multissemióticos, como nas mídias sociais, onde estes leitores apenas decodificam o texto, sem atribuir um significado para a presença daquele texto. Dentre estes espaços, estão as redes sociais. A falta ou escassez de contextualização daquela palavra escrita ou de investigação do fato informado

acarretam na mecanização da leitura, que afasta o leitor da literatura propriamente dita com livros, enredos, narrativas e entre outros. Cada palavra importa no processo de letramento, então cada atribuição de sentido importa, e cada texto representa a síntese daquelas palavras e ideias, logo, precisam ser compreendidos do mesmo modo: como uma obra completa.

METODOLOGIA

É fato que dentro da perspectiva de Ferreiro (1995), o processo de alfabetização de uma criança compete à habilidade “alfabetização” propriamente dita da palavra e o “letramento” dela. Apesar de semelhantes em sentidos, os processos são distintos por categorizar o processo de apreensão do sujeito para com a língua. Dentro da alfabetização está a “aquisição da palavra” na perspectiva de linguagem escrita: a palavra escrita, desenhada, vista e pensada (a palavra “caju” se escreve c-a-j-u, porém o objeto caju possui uma outra dimensão que não se assemelha ao desenho do caju, e assim sucessivamente dentro de todas as maneiras de representações de um mesmo objeto). No entanto, o letramento corresponde ao fato de que cada uma dessas linguagens seja apropriada da maneira devida e, em função dessa compreensão, aplicadas em um contexto social.

Quando falamos do letramento infantil é sempre necessário lembrar que a atenção e concentração da criança estão condicionadas a diversos fatores, entre eles a pluralidade de recursos de um mesmo texto. É aqui que os recursos visuais se tornam importantes ao atrair o jovem leitor para seu objeto de interesse. Porém, esse mesmo recurso pode ser proporcionalmente confuso quando não há um direcionamento organizado por parte do autor, como em qualquer texto. Vejamos um exemplo:



Estas imagens foram retiradas de postagens nas redes sociais e competem a diferentes maneiras de leituras multissemióticas, por exemplo, o fato de que uma delas trata-se de uma sequência de imagens¹ com textos curtos e informativos já difere sua intencionalidade da charge (figura 2). A BNCC garante que o campo da prática de pesquisa, além de estabelecer em diversos momentos ao longo do primeiro fundamental a presença de textos informativos, estes possam ser usados como uma ferramenta de associar o trabalho produzido na escola com distintas demandas sociais. Porém, nem todos os textos presentes nas redes sociais possuem essa finalidade informativa, por isso a necessidade de se encarar esses textos como um espaço lúdico a ser trabalhado em sala, ao invés de deixá-los a critério das crianças.

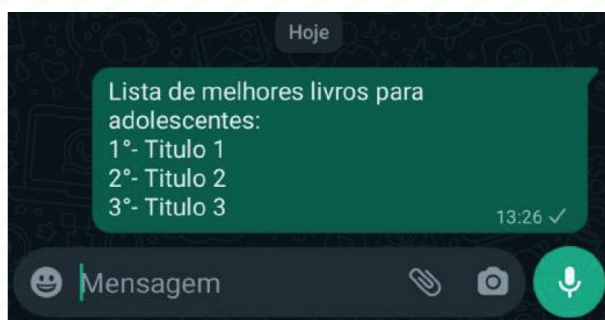
Como demonstração, temos a segunda imagem que apresenta uma charge, demonstrando a enorme quantidade de textos diferentes, com objetivos diferentes, presentes em uma mesma plataforma.

Quando a leitura obedece à função de prática educacional libertadora, ela desenvolve a interação entre autor e interlocutor (KOCH, 2003), assim, o interlocutor não deve ser um objeto oco, isento de voz e ouvinte passivo daquela informação. Essa perspectiva desafia o princípio de pesquisa dentro da BNCC, que sugere o trabalho do texto à exaustão, antes de o questionar. Assim, o papel do professor é necessário para intermediar essa relação não apenas trazendo os textos em gêneros comuns à escola, a exemplo a postagem a seguir⁴ que se trata de uma lista de livros. Listas são trabalhadas em sala de aula

e podem ser desenvolvidas, inclusive, em postagens de redes sociais, e sinais que pode caracteriza uma lista seria a sua sequência (que aqui pode ser observada pela seta branca):



Essa mesma proposta de atividade, como de listagem de um tema, pode ser feita de diferentes maneiras no espaço digital:





Pode ser uma lista em um aplicativo de mensagem, ou um tipo de “vídeo listagem”, que contém inúmeras possibilidades de realização. O foco aqui é em como esse processo pode ser trabalhado e qual postura o professor assume diante de textos não lineares ou multissemióticos.

Ao se trabalhar com a aprendizagem da língua portuguesa, os documentos normativos da educação nacional regularizam o uso de sites, revistas digitais, reportagens, mas pouco se fala do letramento em ambientes que as crianças já estão inseridas com facilidade e recorrência. Esses espaços aos quais a criança já está habituada. A proposta aqui não é apenas de que a criança precise simplesmente explorar diferentes gêneros para ser considerada letrada, mas de executar e identificar esses textos em sua rotina digital.

REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização é um processo natural e psicogênico ao ser humano (FERREIRO, 1995), logo, natural à criança, que vai ocorrer durante toda sua vida. Dentro da escola, a alfabetização é formalmente trabalhada no primeiro fundamental, desde o primeiro ano, onde é explicitamente prevista pela BNCC, até o quinto ano. Este mesmo documento determina que enquanto o processo de aquisição da palavra ocorre entre dois primeiros anos dos fundamental, os últimos três, sejam voltados para o letramento. E esse letramento ocorre quando a escrita da palavra traz consigo sentido para o indivíduo e, por conseguinte, esse conhecimento ultrapassa ao âmbito escolar, considerando que, antes mesmo da escola considerar o indivíduo alfabetizado dentro da visão de letramento, esse sujeito vive o objeto de estudo da alfabetização: a língua (SOARES, 2003).

Quando pensamos, portanto, na alfabetização do sujeito, é incoerente com a prática de uma pedagogia libertadora a ideia de que este sujeito chega “em branco” na escola, já que não fazia uso dos textos escritos anteriormente, pois apesar de não escrever, ele *usa* a língua antes mesmo de refletir sobre ela. É assim que esse sujeito compõe a sua história e sua expressão própria. Hooks (p. 225, 2017) traz reflexões acerca disso ao desenhar o processo de colonização e refletir sobre como ele ocorreu em toda a América, analisando a formação linguística de um povo, atrelando um fato à história coletiva do país. Quando os africanos traficados chegavam no Brasil, outras etnias no país chegavam também e diversas práticas de linguagem surgiram durante essa adaptação da língua-mãe de cada um que agora precisava de uma nova língua para comunicação. A autora traz o posicionamento de como o escravo africano poderia ter se sentido sobre não estar mais em um país que falava o mesmo que ele, mas que ainda assim precisava dessa nova língua para falar com seu opressor. Esse traço histórico é refletido na vivacidade do português brasileiro, que foi misturado com muitas etnias, e hoje possui enormes diferenças do português europeu, por exemplo.

A presença dessa pluralidade de “falas” é levantada dentro da sala de aula, contribuindo significativamente na ideia de multiletramentos. Considerando que a própria língua é diversa, o que esperar, então, dessa no formato escrito?

A BNCC (2018) prevê que a relação entre o grafismo e o fonema são construções humanas milenares que devem ser concretizadas nos anos iniciais do fundamental, sendo consolidadas no primeiro e segundo ano dentro da ideia de alfabetização, e do terceiro por diante, viria o letramento de fato. O documento também determina que este letramento ocorra em plataformas digitais. Especificamente em softwares, sites, textos jornalísticos digitais, publicidades, vídeos, curtas, almanaques digitais e muitos outros gêneros textuais. A BNCC, porém, não considera uma nova modalidade de leitura cada dia mais presente e acessível para crianças dos anos iniciais e fundamentais: as mídias sociais.

A leitura corrida de um jornal ou de uma revista impressa é diferente da leitura de uma postagem sequenciada no “Instagram”, que por sua vez é diferente da leitura desse mesmo discurso, em uma plataforma visual com outra finalidade, por exemplo, o “Youtube”. Todos esses campos semióticos são lugares que as crianças conhecem antes mesmo de chegarem à escola. Durante a pandemia e o ensino remoto de 2020, essa exposição ficou ainda maior visto que a escola se resumia ao veículo digital disponível, seja pelo computador, tablet ou celular, entre outros diversos. A facilidade com que esse sujeito tem acesso a novas páginas com um simples “click” é, erroneamente na minha opinião, vista como “assustadora”. Erroneamente porque ignorar as oportunidades que essas novas ferramentas propiciam para a prática do letramento digital é ignorar um princípio básico do letramento na perspectiva de Ferreiro: o uso e o uso consciente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fica claro que as consequências de um letramento digital mal executado é capaz de impactar a sociedade a partir do momento em que, após a escola, os sujeitos permanecem expostos a tais plataformas midiáticas sem a orientação da pesquisa. Por isso que o “instinto” de pesquisador deve ser incentivado na criança de maneira natural e contextualizada à sua rotina, mesmo que essa rotina seja digital. Se o aluno tem acesso facilitado à mídias como “*Whatsapp*” ou “*Instagram*”, o questionamento sobre o material que lhe é exposto deve estar presente também fora da sala de aula, mesmo quando não houver professor. Porém esse processo é lento.

Durante a pesquisa, vários questionamentos foram levantados, dentre eles, um pertinente foi: ao se pensar em todas as mídias sociais as quais um único sujeito lida todos os dias - desde anúncios, publicidades, como textos informativos, e entre eles, notícias- como sistematizar todos? São vários gêneros reunidos na palma da mão, literalmente: textos falados, no caso de áudios, *podcasts*, vídeos digitais, músicas, filmes informativos, até mesmo filmes narrativos que carregam críticas à realidade. Até mesmo poesia, facilmente encontrada em músicas, que atraem a atenção das crianças em uma velocidade impressionante. A língua é muito viva, os textos são um objeto de ensino fluido, mas é exatamente esse um fundamento necessário para a conservação do português, não como ele é hoje, nem como já foi no princípio do português em solo brasileiro, mas em como existem muitos “português” no mesmo país. São justamente essas particularidades que chegam à sala de aula quando o estudante ainda é um objeto “em branco”. Esse indivíduo é, na verdade, a manifestação mais limpa da sua própria linguagem, com base apenas na sua própria experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, fica evidente que a continuidade do trabalho e estudo pedagógico com textos fora dos contextos escolares, bem como as práticas linguísticas que formam esses textos, são um complemento do processo de letramento. As redes sociais foram uma ponte de comunicação de diversos âmbitos e esferas distintas e com elas, o surgimento e aprofundamento de novas ferramentas de linguagem ganharam um espaço de maior destaque no cotidiano. É, então, pertinente que estas linguagens e estes textos sejam apresentados aos estudantes como o que são: textos. Textos falados, escritos, desenhados, não importa a dimensão, são textos. Potencialmente pedagógicos. Significativamente positivos ao letramento e pertinentes em uma esfera social.

Negar que as práticas pedagógicas de letramento atendem ao cotidiano e que este cotidiano muda é também reduzir o papel do aprendiz enquanto pensador, subestimando suas ideias. Além da falha de não construir no sujeito um leitor crítico, que passa a ser propenso a acreditar em todas e quaisquer informações advindas das mídias sociais antes de questioná-las. A pesquisa, partindo dessas plataformas, são

cada vez mais mobilizadoras, são um espaço rico para o questionamento e podem contribuir consideravelmente para o desenvolvimento da ciência no futuro. Questionadores são o primeiro requisito para se fazer ciência, então cabe à escola não apenas responder às questões, mas convidar os aprendizes a produzir questões.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela ajuda para o desenvolvimento deste trabalho à professora Vânia Costa, de Ensino da Língua Portuguesa, por apresentar a magnitude da obra de Bell Hooks, e nos conduzir a uma reflexão acerca da língua portuguesa. É uma discussão que aos poucos foi expandindo nossas ideias até chegar ao ponto de encontrarmos algumas incoerências em documentos normativos da educação e falhas significativas no processo, principalmente se tratando de contextos pandêmicos. Também é necessário agradecer aos autores das imagens utilizadas como exemplo nessa. E à minha doce mãezinha, que eu não poderia esquecer, assim como ela, também a minha tia, que juntas me formaram como uma questionadora de tudo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 20 de set. 2022.

FERREIRO, Emilia. Desenvolvimento da Alfabetização: psicogênese. In: GOODMAN, Yeta M. (Org.) **Como as crianças constroem a leitura e a escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

HOOKS, Bell; Referências. Hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2017.

KOCH, Ingedore G. V. O texto e a construção dos sentidos. 7 ed. São Paulo: Contexto. 2003.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: As Muitas Facetas. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, Revista Brasileira de Educação. Out de 2003.

Imagem 1, retirada da página: ofantasticomundodebabs, no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cin1Al_P0ZV/. Acesso em: 20 de set. 2022

Imagem 2, retirada da página: koangelo, no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CikD9Cus3Jz/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> Acesso em: 20 de set. 2022

Imagem 3, retirada da página: livro_docelivro, no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiLgwLWPRAX/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 20 de set. 2022.